

## DA EXISTÊNCIA COMPARTILHADA: MARX (SER-SOCIAL) E HEIDEGGER (SER-COM)

Fábio Soares Gomes\*

**Resumo:** *Desde o princípio de nossa formação cognitiva aprendemos a definição aristotélica do homem como um animal racional. Segundo Marx, o homem é no sentido mais literal um zoon politikon, não só animal social, mas animal que só pode isolar-se em sociedade. Não diferente, para Heidegger, o mundo do homem, da pre-sença (Dasein) é sempre compartilhado pelos outros na forma de convivência cotidiana, a qual é fundamentada na facticidade da vida pública que se exprime nos modos impessoais de sermos. Assim, o ser natural da existência do homem é ter uma existência compartilhada. Isto porque a interdependência social da sua experiência cotidiana é primordial e constitutiva. Logo, o mundo da pre-sença, do homem, é um mundo-com, ou seja, a pre-sença é sempre co-pre-sença. É, pois, que o mundo é sempre o mundo partilhado com os outros e viver é sempre convivência. Tudo isto acontece porque o homem a priori é um ser social. E como ser social, como sujeito da história, ele é produto do meio, das relações sociais históricas concretas em que trabalha e vive.*

**Palavras-chave:** Homem; Ser-social; Ser-com

### INTRODUÇÃO

Toda tentativa filosófica de explicar o mundo, o homem e a história é bastante pretensiosa. É estimada deste modo por ser e ter a pretensão, ainda que não sistemática, de dizer o que é o real e a realidade. Todo pensador ao instituir um questionamento procura um meio de entrar em sintonia com o questionado; crê-se que somente assim é possível uma sincronia com o que há de ser pensado.

A história da filosofia é a história do pensamento ocidental. Este percurso denota o processo de elaboração do pensamento que perfaz o mundo de hoje. Tal começa na Grécia antiga e eclode na nossa atual revolução tecnológica. Os “ismos” de Platão, de Aristóteles, do pensamento cristão, de Descartes, Kant, Hegel, Marx, Nietzsche e Heidegger são e permanecem como o caminho dominante do mundo ocidental. Na condição de que a Filosofia é Metafísica, e que esta “pensa o ente em sua totalidade — o mundo, o homem, Deus — sob o ponto de vista da recíproca imbricação do ente e ser” (HEIDEGGER, 1991, p.71), podemos dizer que esta experiência deu-se de vários modos: primeiramente, com os pré-socráticos, em seguida de maneira metafísica, melhor dizendo, de maneira onto-teo-lógica — de Platão a Hegel —, ou de modo dogmático como foi a experiência cristã, ou ainda, pelas formas de pensar tipicamente da burguesia, dos socialistas, dos niilistas ou mesmo com modos antimetafísicos — a exemplo de Wittgenstein — ou meta-filosófico, como sugerido foi tanto por Marx como por Nietzsche.

Iremos, de agora em diante — a partir da análise de alguns escritos clássicos —, explicitar uma conexão entre os pensadores Karl Marx e Martin Heidegger — seja para unir por uma identidade de pensamento, seja para diferenciar um do outro, ou mesmo para mostrar a contribuição e a relevância do pensamento de ambos no debate filosófico de nosso tempo, no que concerne à noção do homem como um ser-social.

---

\* Mestrando em Políticas Sociais e Cidadania pela Universidade Católica do Salvador – UCSal. [fsgomes@web.de](mailto:fsgomes@web.de).

## O SER-SOCIAL E O SER-COM

Que é o homem? Esta é a pergunta que não emudece. Parece-nos até mesmo impossível de responder, desde que pensemos *responder* como um corresponder ao ser do ente. Muitas são as esferas de análise disto que é o homem; a biologia, a sociologia, a antropologia, a psicologia, etc., cada uma a seu modo diz o que é o homem. E a filosofia? Que diz do homem? Como define o homem?

Longe de ser exato e conclusivo, tal como nas ciências matemáticas, o pensamento filosófico se caracteriza pela pluralidade de definições sobre o mesmo objeto, como por exemplo, o homem. Os filósofos pensam, cada um ao seu jeito, o ser do homem, a sua essência, aquilo que é-lhe próprio e o distingue dos demais entes, de modo singular. Mas, como Marx e Heidegger definem o homem?

Desde o princípio de nossa formação cognitiva aprendemos a definição aristotélica do homem como um *animal racional*, ζῷον λογὸν ἔχον. Nesta definição Aristóteles encontrou uma das possibilidades para se dizer o que é próprio do homem. A saber, que o homem é um ser vivo e racional, que tem língua e discurso. Não apenas assim, Aristóteles também disse que o homem é um *animal social, político*: ζῷον πολιτικόν. É nesta linha que segue Marx:

O homem é no sentido mais literal, um *zoon politikon*, não só animal social, mas animal que só pode isolar-se em sociedade. A produção do indivíduo isolado fora da sociedade — uma raridade, que pode muito bem acontecer a um homem civilizado transportado por acaso para um lugar selvagem, mas levando consigo já, dinamicamente, as forças da sociedade — é uma coisa tão absurda como o desenvolvimento da linguagem sem indivíduos que vivam *juntos* e falem entre si (MARX, 1978, p.104).

Já Heidegger desenvolve uma reflexão acerca do homem colocando-o como abertura para o “sentido do ser”. Ele re-elabora a questão do ser do homem desvinculada da visão clássica do homem enquanto um *animal racional*, onde a animalidade é o gênero próximo do homem e a racionalidade sua diferença específica. Heidegger pensa a concepção de homem também no plano do ente, mas fundamentalmente no plano do ser. Por isto, ele denomina o homem — mais precisamente o seu modo de ser — de pre-sença (*Dasein*); o “lugar” em que se dá a revelação do ser, a “clareira do ser”, no sentido do aí-do-ser.

A análise heideggeriana debruça-se sobre o desvelamento do mundo em seu mistério, procurando seu sentido que sempre está presente, mas oculto. Seu propósito é organizar uma teoria do ser em oposição à metafísica tradicional, pois esta se mantém alheia à verdade do ser, porque só pensa o ser enquanto representa o ente, isto é, quando entifica o ser.

Para aprofundar a questão do ser, o ponto de partida é a análise do ente que é existência e explica-se sempre por esta existência. Existência diz o modo de ser deste ente que o homem é. O único ente que põe para si mesmo a questão do ser, e para o qual o seu próprio ser está constantemente em jogo.

Análítica existencial — o projeto de *Ser e Tempo* — que Heidegger desenvolve se centra na investigação das várias dimensões e dos vários aspectos da existência humana. Semelhante a Marx, Heidegger parte da compreensão da vida concreta, da vida na sua facticidade no mundo, que é histórica e se compreende historicamente. Porém, ao passo que Heidegger utiliza a fenomenologia como método hermenêutico para adquirir um fundamento apto da análise da “historicidade” própria do homem, Marx utiliza e desenvolve o materialismo dialético.

A pre-sença, de acordo com Heidegger, é *ser-no-mundo*. Este é o primeiro existencial, estrutura fundamental da pre-sença e ponto de partida para a elucidação dos demais existenciais.

*Ser-no-mundo* remete à experiência original do homem — a de um encontro com o mundo; é a constituição necessária e a *priori* da pre-sença. De acordo com Heidegger (2000, p.91) a “expressão composta ‘ser-no-mundo’, já na sua cunhagem, pretende referir-se a um fenômeno de unidade, o que não exclui a multiplicidade de momentos estruturais que compõem esta”. É próprio, ou seja, compõe o *ser-no-mundo*: *ser-em* e *ser-com*.

*Ser-em* significa “ser-em um mundo”. Isto não quer dizer que o homem está dentro do mundo como, por exemplo, a água está dentro do copo. E o que expressa? Uma relação constitutiva da pre-sença com o mundo, é a maneira peculiar de ela estar no mundo numa relação existencial de caráter estrutural, significando uma constituição ontológica e essencial de *ser-no-mundo*. O *ser-em* é o que permite a pre-sença descobrir o ente que lhe vem ao encontro no mundo circundante, saber algo a seu respeito, dele dispor, ter e constituir mundo. De certo, o mesmo fala Marx quando diz:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade (MARX, 1988, p.142-3).

O mundo do homem, da pre-sença, é sempre compartilhado pelos outros na forma de convivência cotidiana, a qual é fundamentada na facticidade da vida pública que se exprime nos modos impessoais de sermos. O *ser-com* de que Heidegger fala, assemelha-se à palavra de Marx (1978, p.104) que diz: “a produção do indivíduo isolado fora da sociedade [...] é uma coisa tão absurda como o desenvolvimento da linguagem sem indivíduos que vivam *juntos* e falem entre si”.

É natural da existência do homem ter uma existência compartilhada. Isto porque a interdependência social da sua experiência cotidiana é primordial e constitutiva. Segundo Heidegger, é no fenômeno mundo que firmamos a convivência com os outros, pois o mundo é sempre algo partilhado com os outros. O mundo da pre-sença é um mundo-com, ou seja, a pre-sença é sempre co-pre-sença. É, pois, que o mundo é sempre o mundo partilhado com os outros e viver é sempre convivência.

Em palavras heideggerianas, o trecho de Marx supracitado quer dizer que o *ser-com* determina existencialmente a pre-sença mesmo quando o outro não é, de certo, dado ou percebido, pois mesmo o estar só da pre-sença é *ser-com* no mundo, já que o outro só pode faltar para um *ser-com*. Até porque, o mundo é sempre o encontro com os outros, um estar com os outros. Todos nós estamos na partilha um do outro, bem ou mal, satisfeitos ou insatisfeitos. Não por menos que Marx (1996, p.127) vai dizer em uma de suas *Teses sobre Feuerbach* que a “essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade, é o conjunto das relações”. Ainda que Heidegger concorde em parte com isto, para ele o aspecto social, ou ainda, o *ser-com* não é suficiente para dizer o que é o homem como um todo.

Na interpretação de Heidegger, Marx encontra o *homo humanus* na sociedade, já que o homem social é para ele o homem natural e na sociedade se assegura equitativamente a natureza do homem, isto é, a totalidade de suas necessidades naturais: alimentação, vestuário, reprodução, subsistência econômica. Ao ver de Heidegger, todos os humanismos — incluindo o de Marx —, por mais diversos que sejam, em suas finalidades e fundamentos, quanto aos modos e meios de suas realizações específicas ou consoantes às formas de suas doutrinas, coincidem com o fato de

determinarem a *humanitas* do *homo humanus*, sempre a partir de uma interpretação já resolvida da natureza, da história, do mundo, do fundamento do mundo, mediante uma interpretação já dada do ente em sua totalidade.

Assim sendo, todo humanismo ou se funda numa metafísica ou converte a si mesmo em fundamento de uma metafísica. Nem o próprio marxismo, segundo Heidegger (1967, p. 35-41) escapa, uma vez que, ao determinar a humanidade do homem não só deixa de questionar a referência do ser ao homem como também impede tal questionamento, pois, devido à proveniência, nem o conhece, nem o entende.

## CONCLUSÃO

Como vemos, para Marx, o ser humano é o que é na sua exterioridade, na relação ativa com a natureza e com a sociedade, que é o trabalho; não na sua interioridade ou consciência. Com efeito, “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX, 1996, p. 37). O trabalho, por sua vez, é o elemento comum que se tornou o fator inalienável, eterno e determinante da vida do homem como homem. É uma necessidade natural eterna. No trabalho é que se revela a essência do homem. É pelo trabalho que o homem transforma a realidade objetiva, logo os produtos do trabalho humano são a nossa segunda natureza. É esta produção que constitui a nossa vida ativa, sobretudo porque a produção humana é dinâmica e vai se diversificando e desenvolvendo continuamente, ao passo que a produção animal tem o caráter estático, por ser sempre igual e invariável:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começam a *produzir* seus meios de vida, passo este que é condicionado por sua organização corporal. Produzindo seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material (MARX, 1996, p. 27).

Os animais constroem seus ninhos e abrigos constantemente iguais, já o homem produz seus meios de vida e é quase sempre impelido às modificações, para assim introduzir inovações e desenvolver no curso da história as suas invenções; ou seja, é incitado pelas exigências da vida, pelo desenvolver-se e multiplicar-se das suas necessidades e desejos. O homem, diferentemente dos animais — que dependem estaticamente da natureza —, com a sua criação dinâmica do ambiente social, encontra-se em relação com a sociedade em contínua mudança, e, portanto, deve modificar continuamente a sua ação, desenvolver as suas capacidades e as suas produções. Esta criação que o homem executa é a criação da sua própria vida e, em verdade, uma criação progressiva de si mesmo, segundo Marx.

Tudo isto acontece porque o homem *a priori* é um ser social. E como ser social, como sujeito da história, ele é produto do meio, das relações sociais históricas concretas em que trabalha e vive. Com isso, é preciso ressaltar que uma natureza humana invariável não existe.

Diferente de Marx, para Heidegger o homem é mais do que o *animal rationale* e *elou social*:

A essência do homem, [...] consiste em ser ele mais do que homem só, no sentido em que se concebe o homem, a saber, como ser vivo racional. [...] “Mais” significa: mais originário e, por isso, em sua essência, mais essencial. E é aqui que se mostra o enigma: o homem *é* no ser-lançado. Como a réplica ec-sistente do Ser, o homem é mais do que o *animal rationale* na medida em que ele é menos do que o homem que se apreende e concebe pela subjetividade. O homem não é o amo e senhor do ente. O homem é o pastor do Ser. Nesse “menos” o homem não perde nada. Ele ganha por chegar à Verdade do Ser. Ganha a pobreza essencial do pastor, cuja dignidade consiste em ser convocado

pelo próprio Ser para a guarda e proteção de sua Verdade. [...] Em sua Essência no plano da História do Ser, o homem é o ente, cujo ser consiste, como existência, em morar na vizinhança do Ser. O homem é o vizinho do Ser (HEIDEGGER, 1967, p. 67-8).

Ainda que seja possível uma aproximação entre Marx e Heidegger quanto ao aspecto próprio e constitutivo do homem enquanto um *ser-com*, os discursos de ambos em relação à essência do homem retraem um grande distanciamento. Afinal, Heidegger enuncia um pensamento ontológico que busca resgatar a essência perdida do homem, devidamente pela consolidação do pensamento metafísico que deixou de lado a questão do ser. Entretanto, Marx, falando em linguagem heideggeriana, se prende à análise da estrutura ôntica própria do homem. Todavia, o surpreendente é saber que, em síntese, no marxismo, o homem é a maior riqueza e o pensamento que Marx estabelece, de certo, também busca a verdadeira essência humana, tal como quis Heidegger.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. A política. In: *Aristóteles*. São Paulo: Nova Cultural, 1976. (Os Pensadores)

BERBÉCHKINA, Z.; ZÉRKINE, D.; JÁKOVLEVA, L. *Que é o materialismo histórico?* Trad. I. Chaláguina. Moscou: Edições Progresso, 1987.

HEIDEGGER, Martin. *Heidegger. Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores, 5)

\_\_\_\_\_. *Ensaio e conferências*. Trad. Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. Trad. Márcia Cavalcante. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. (Parte I)

\_\_\_\_\_. *Sobre o humanismo*. Trad. Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. “O manifesto do partido comunista”. In: Daniel A. R. Filho (org.). *O manifesto comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Trad. José Bruni. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

\_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política*. Trad. Régis Barbosa e Flávio Kothe. 3.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os economistas)

\_\_\_\_\_. *A ideologia alemã*. Trad. José Carlos Bruni. 10.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.